

Palavras do Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima, Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão, por ocasião da abertura do Seminário "O Palácio Itamaraty: do Rio de Janeiro a Brasília". Rio de Janeiro, 29 e 30 de novembro de 2016.

É com grande satisfação que inauguro o Seminário “Palácio Itamaraty do Rio de Janeiro a Brasília”. Neste Salão Nobre, prestei os exames de acesso à carreira diplomática. Minha turma foi uma das últimas a cursar o Instituto Rio Branco no Rio de Janeiro e a tomar posse no Palácio Itamaraty em Brasília. Vivenciamos, assim, a transição funcional da chancelaria entre esses dois monumentos, um antigo e o outro moderno, que marcam a evolução da diplomacia brasileira e traduzem sua capacidade de renovação.

2. Este Palácio foi a sede do Ministério das Relações Exteriores de 1899 a 1970, quando é transferido para a nova capital. No entanto, ele guarda a memória dos entendimentos do Brasil com o mundo desde a Independência. No Arquivo Histórico, encontram-se as comunicações da chancelaria, os estudos e tratativas de Duarte da Ponte Ribeiro, no Império, com vistas à utilização do princípio do *uti possidetis* e sua incorporação à doutrina que seria consagrada por Rio Branco, na República, no estabelecimento dos limites territoriais do Brasil com seus vizinhos. Este terá sido o marco de estabilidade regional decorrente da maneira como foram negociadas as fronteiras do Brasil com base no Direito Internacional. Por abrigar, além do Arquivo Histórico, a Mapoteca e o Museu Histórico e Diplomático, inaugurado em 1957, pelo Presidente Juscelino Kubistchek, este Palácio é guardião das tradições da Diplomacia e da gênese do pensamento diplomático brasileiro.

3. Nosso encontro hoje neste espaço dá sequência aos trabalhos do seminário “Um certo olhar sobre o Brasil”, que a Fundação Alexandre de

Gusmão realizou em Brasília, nos dias 1, 2 e 3 de junho do corrente. Reunimos ali especialistas em diplomacia, ciências sociais, além, naturalmente, de arquitetura, engenharia, *design* e lançamos projeto de pesquisa multidisciplinar, desenvolvido em conjunto com a UnB, sobre o Palácio Itamaraty. A iniciativa é parte das comemorações dos 50 anos da inauguração do edifício, que se completam em 14 de março de 2017, e da transferência do Ministério das Relações Exteriores para Brasília, em 21 de abril de 2020.

4. Muito agradeço a presença e a colaboração de todos que participam deste projeto, inclusive os que não puderam aqui estar neste momento. Gostaria de expressar-lhes meu reconhecimento na pessoa do Conselheiro Heitor Granafei, da Assessoria de imprensa do Ministro das Relações Exteriores, que tem prestado inestimável contribuição ao êxito desta iniciativa de valorização do nosso patrimônio histórico e cultural. Permitam-me singela homenagem a um grande diplomata, o Embaixador João Hermes Pereira de Araújo, que foi também historiador e, por muitos anos, o Presidente do Museu Histórico e Diplomático. Graças a seu trabalho de pesquisa e divulgação, pode-se melhor conhecer e explicar o sentido não só do Palácio Itamaraty, tanto este quanto o de Brasília, como do seu rico acervo. Seus escritos muito contribuem para o entendimento dos lugares de memória da diplomacia brasileira e sua iconografia, bem como para manter vivas tradições e símbolos, como o juízo do Conselho de Estado do Império: “Diplomacia inteligente, sem vaidade; franca, sem indiscrição; energética, sem arrogância”.<sup>1</sup>

5. As linhas neoclássicas deste Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro contrastam com a concepção inovadora, as técnicas construtivas, a

---

<sup>1</sup> ARAÚJO, João Hermes Pereira de. Texto sobre o retrato do Barão de Rio Branco *in* "Palácio Itamaraty-Brasília, Rio de Janeiro", p. 96, São Paulo, Banco Safra, 2002.

estética, e com os desafios de cálculo das estruturas do Palácio Itamaraty em Brasília. A amplitude da obra e seu significado ainda demandam estudos mais aprofundados para explorar e desvendar o simbolismo da criação de Oscar Niemeyer. Sua originalidade arquitetônica é enriquecida pelo mérito de conjugar tradição e renovação.

Devo recordar que as raízes do projeto arquitetônico de Brasília devem ser buscadas no Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro. Há diversas semelhanças na disposição dos espaços nos dois edifícios, mas, sobretudo, há uma continuidade de projeto. De sua ocupação pelo Ministério das Relações Exteriores, em 1899, até 1967, todas as intervenções estruturais e aquisições de obras de arte efetuadas no palacete da Rua Larga foram informadas pelo propósito de constituir um espaço cerimonial visando à representação do Brasil. Nesse sentido, o projeto do Palácio dos Arcos é a reedição e ampliação, em linguagem modernista, de um programa arquitetônico que o Itamaraty vem, paciente e silenciosamente, implementando há mais de um século.

6. A variedade de disciplinas envolvidas nesses estudos se justificava pela complexidade do objeto de análise. Afinal, um Palácio é uma criação social e política, tanto quanto expressão arquitetônica e estética. O Palácio Itamaraty representa um *locus* privilegiado para um estudo sob esta tão rara e necessária abordagem, e é com satisfação que apresentaremos hoje os primeiros resultados de nosso projeto de pesquisa.

7. Começaremos os trabalhos neste Seminário com a comunicação das professoras Grace de Freitas e Nivalda Assunção, da UnB, sobre o estudo que realizam a respeito de nosso acervo artístico e de *design*. Dele resultarão, em 2017, reflexões acerca da identidade brasileira a partir do

acervo do Itamaraty, bem como o estabelecimento de parâmetros para a conservação e valorização desse patrimônio histórico.

8. Ouviremos ainda palestra sobre a colaboração que o Itamaraty desenvolveu, ao longo dos anos 50 e 60, com artistas como Bruno Giorgi, Mary Vieira e Fayga Ostrower, a qual se reflete nas obras de arte que integram o acervo do Palácio em Brasília. Por suas características e originalidade, representam, em alguns casos, pontos de inflexão no desenvolvimento estilístico desses criadores.

9. Teremos o privilégio de ouvir o testemunho de participantes diretos do processo de criação da nova sede, como o artista Pedro Correa de Araújo e o Embaixador Rubens Barbosa, que, como jovem diplomata, foi colaborador direto de Wladimir Murtinho. Agradecemos a eles a honrosa presença.

10. Ademais, contaremos com arquitetos que trabalharam no antigo Serviço de Conservação do Patrimônio do Itamaraty, e que foram responsáveis pelo detalhamento e adequação do projeto de Oscar Niemeyer às necessidades do Cerimonial de Estado e às particularidades do funcionamento de uma chancelaria moderna.

11. Poucos sabem, aliás, que o primeiro chefe do setor de arquitetura do Ministério das Relações Exteriores foi ninguém menos do que Lúcio Costa, que deixou um belo depoimento sobre nosso Ministério:

“O Itamaraty está para mim, indissolúvelmente ligado (...) à marcante personalidade do seu então Secretário-Geral, Maurício Nabuco. (...) Nabuco, com sua herdada e experimentada vivência, pressentiu a necessidade de ter no Ministério o assessoramento constante de um arquiteto, convidando-me para o cargo e providenciando desde logo uma sala para que ali me instalasse. (...) No Itamaraty, com o correr do tempo, a semente então plantada frutificou, e o nosso tão querido Olavo Redig de

Campos passou a exemplarmente desempenhar, em caráter permanente, a função que me havia sido inicialmente designada. Concomitantemente surgira, entre os diplomatas da Casa, um raro e providencial personagem que reunia na sua pessoa aquele refinado e seguro gosto pela ambientação arquitetônica do [Rodolfo] Siqueira, e a inata e sempre pronta capacidade administrativa que caracterizava Nabuco: Wladimir Murtinho. Ele soube (...) transferir para Brasília, transfigurada, a mesma correta e eficiente beleza do Itamaraty”.

12. “Correta e eficiente beleza”. Creio que não há melhor homenagem ao trabalho dos mais de 20 criadores que participaram daquele projeto: a monumental arquitetura Oscar Niemeyer; a escultura de Bruno Giorgi; o discreto e funcional mobiliário de escritório de Karl Heinz Bergmiller, as tapeçarias e tapetes de Madeleine Colaço; os padrões geométricos de Athos Bulcão; as formas oníricas de Maria Martins; os relevos de Sergio de Camargo; os jardins de Burle Marx; as estátuas de Victor Brecheret e Alfredo Ceschiatti, as pinturas de Candido Portinari e muitos outros gênios, cujas contribuições se integram maravilhosamente no admirável conjunto artístico que é o Palácio Itamaraty.

Senhoras e Senhores,

13. O Itamaraty terá sido um dos poucos exemplos na história da arquitetura do século XX em que um palácio foi pensado a quatro mãos, tendo, de um lado, um arquiteto de expressão internacional e, de outro... uma burocracia, no melhor sentido weberiano do termo. No final da década de 50, o Ministério das Relações Exteriores havia se constituído em uma burocracia organizada, com um sistema de recrutamento e treinamento próprio (o Instituto Rio Branco), sistemas de trabalho

modernos e integrados (comunicações telegráficas) e uma forte cultura institucional.

14. Diante da perspectiva de transferência para Brasília, o Ministério empreendeu um processo de consultas e coordenação internos para levantar as necessidades operacionais de cada unidade. Subjacente a essas consultas, havia um processo de reflexão sobre o que era e o que deveria ser o Brasil da nova capital. Um país que experimentava momento de extraordinária criatividade em todos os campos artísticos; um vertiginoso processo de desenvolvimento econômico; e profundas e, muitas vezes, turbulentas, transformações sociais.

15. Ao realizarmos este segundo seminário no Rio de Janeiro, buscamos voltar ao início do projeto. Afinal, deste velho Palácio da rua Larga, na década de 50, primeiro por meio da Operação Pan-americana, depois da política externa independente e seus desdobramentos, e também por meio de ações de difusão cultural, como a grande exposição sobre Brasília de 1958, o apoio ao Congresso Internacional de Críticos de Arte em 1959, o Itamaraty, desde esta velha sede, projetava no exterior um novo Brasil.

16. A FUNAG decidiu, desde o início, que o estudo sobre o Palácio Itamaraty não deveria limitar-se a documentar sua extraordinária importância arquitetônica e artística, mas, sobretudo, compreendê-la à luz do permanente objetivo da diplomacia brasileira de projeção do Brasil no plano internacional.

18. Desejo a todos êxito em seu trabalho nestes dois dias de Seminário.

Muito obrigado.